

Recordando John Milton (1608-1674)

Nuno Ribeiro

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Citation: Nuno Ribeiro. "Recordando John Milton (1608-1674)." *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 8, n.º 2, 2019, pp. 50-55. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>.

Abstract

This text is a very general note on the work and life of John Milton (1608-1674), having *Paradise Lost* and the context of the creation of the writer's major work at its core. It tries to put on view a *cursus poeticus* revealed at the very first stages of his creation, then corroborated as the expression of a sense of mission joining the poet and the polemicist in the service of the *good old cause*. *Paradise Lost* should not be seen as just a venerable monument or canonical achievement: the long narrative poem is also a *pièce de résistance* and a vivid document in culture. A brief reference to *Samson Agonistes* and *Paradise Regained*, the last moments of an acclaimed literary legacy, closes the text.

Keywords: English literature; John Milton; *Paradise Lost*; Sense of Mission; Republicanism

Resumo

O presente texto constitui uma breve nota sobre a vida e a obra de John Milton (1608-1674), tendo como foco a sua obra maior, *Paradise Lost*, e o contexto da sua criação. Procura-se identificar um *cursus poeticus* revelado nos primeiros estágios de sua criação, corroborado como a expressão de um sentido de missão que une o poeta e o polemista a serviço da *boa e velha causa*. *Paradise Lost* não deve ser visto apenas como um venerável monumento ou conquista canónica: o longo poema narrativo é também uma peça de resistência e um documento vívido da cultura. Uma breve referência a *Samson Agonistes* e *Paradise Regained*, últimos momentos de um aclamado legado literário, encerra o texto.

Palavras-chave: Literatura Inglesa; John Milton; *Paradise Lost*; sentido de missão; republicanismo

John Milton, que viveu entre 1608 e 1674, é uma referência incontornável do século XVII e a obra que lhe confere este lugar de destaque na Literatura Inglesa é *Paradise Lost*. A

sua primeira edição, em dez Livros, data de 1667, a segunda edição, em doze Livros, é publicada em 1674. É também o culminar de um percurso que, orientado segundo o ideal clássico de aprendizagem e maturação do poeta, corresponde a um rigoroso projecto de vida e de criação literária.

Oriundo de uma família relativamente próspera, Milton nasce em Londres em 9 de Dezembro de 1608. É na sua cidade natal que faz os primeiros estudos, frequentando depois, e até 1632, o Christ's College, de Cambridge. São desta altura os seus primeiros poemas, entre os quais o soneto *On Shakespeare* e *L'Allegro/Il Penseroso*. A este período de educação académica se segue o empenho do autodidacta: de 1632 a 1638 Milton recolhe-se em Hammersmith e depois em Horton, Buckinghamshire, aí se entregando incansavelmente ao seu «studious retirement». O seu caminho é definido no poema *Ad Patrem*, reivindicação firme de uma missão só digna dos mais nobres espíritos e para a qual metodicamente se prepara.

Nesta aprendizagem igualmente se define uma atitude moral combativa, resposta às clivagens político-religiosas do tempo. Em *Arcades* (1633) avultará sobretudo a tónica mundana e celebratória do *masque*, com a reafirmação das convenções do género; todavia, em *A Masque Presented at Ludlow Castle*, ou *Comus*, de 1634, parece afirmar-se, em convivência com a referência pastoril e a espectacularidade da representação, uma forte intenção moral, aliás na sequência de poemas como *On the Morning of Christ's Nativity* ou *At a Solemn Music*, reveladores de um fervor religioso que não mais deixará a sua obra. Mas serão *Lycidas*, publicado em 1645, e *Epitaphium Damonis*, de 1639, talvez os mais ostensivos lugares de passagem no desígnio coerentemente assumido pelo poeta. No primeiro, elegia pastoril escrita em 1637 por ocasião da morte de um colega, Edward King, as convenções do género associam-se a preocupações de ordem social e religiosa, como a denúncia da corrupção da Igreja Anglicana, ou de ordem pessoal, como a ênfase num sentimento cristão de confiança apesar das incertezas e ameaças do mundo. Milton despede-se aqui de uma fase da sua vida e da sua obra oferecendo-nos um poema que, sendo de cunho celebratório, não deixa de conter sugestões de regeneração moral e social. É igualmente visível em *Epitaphium Damonis* esta decisão por um segundo começo: a morte de um amigo, Charles Diodati, não é a exclusiva razão e o único assunto da elegia, o poema é também a despedida do jovem que encerra a sua fase de aprendizagem. Tal como Virgílio, ele renuncia à *frauta ruda* para no momento próprio se munir da turba canora e belicosa da epopeia.

A viagem a Itália, em 1638 e 1639, constituíra mais uma estação necessária dessa aprendizagem; o regresso, apressado pela agitada situação vivida em Inglaterra, iria

iniciar uma segunda fase na vida do poeta e do homem, unidos numa vocação puritana apaixonadamente envolvida na realização iminente do momento messiânico. Será esse o tempo da guerra civil e da aventura republicana, as terríveis e exaltantes décadas de quarenta e cinquenta. Agora o criador literário terá que dar lugar ao cidadão e a criação poética cederá o lugar à prosa combativa e panfletária.

Nas décadas de quarenta e cinquenta John Milton é sobretudo o polemista e o doutrinário, defensor da liberdade religiosa, da liberdade cívica e política e da liberdade pessoal. Mas o puritano não deixa esquecer o poeta e a sua vocação: a integridade do homem é também o seu empenho na glorificação do Criador, sobretudo num tempo profético e visionário como o da Guerra Civil e do governo da *Commonwealth*, que é também o da preparação do milénio e da segunda vinda de Cristo para que o povo eleito, a nação inglesa, como outrora a hebraica, é urgentemente convocado. Milton irá servir o regime presidido por Oliver Cromwell: a defesa da república na arena internacional encontrará no *Secretary for the Foreign Tongues* um arauto eloquente e pertinaz.

A poesia iria, então, recuperar o sentido e a origem sagrada de um cântico inspirado, réplica da criação divina. E a voz narrativa em *Paradise Lost* invoca, em momentos estratégicos do texto, a musa celestial ou a luz sagrada.

Esse carácter sagrado da criação poética alia-se à iluminação interior, sempre tão presente na ética puritana, que guia o profeta cego (Milton cegara completamente por volta de 1652) e que o aproxima aqui dos bardos e adivinhos da Antiguidade. *Paradise Lost* reafirma algumas das tradições que classicamente identificam o género - representação de um universo vasto e grandioso, linguagem elevada, homogeneidade de ritmo e verso, unidade de acção, vocação enciclopédica e articulação de vários modos literários, início em *medias res*, ...; todavia, ele instaura desde logo a inovação no tratamento do herói e no objecto do canto épico. As figuras centrais não são, com efeito, as figuras gigantescas, guerreiras ou ilustres do legado clássico mas o primeiro homem e a primeira mulher; e o tema não é a ira do herói, como na *Iliada*, o seu regresso aventuroso ao lar, como na *Odisseia*, ou o seu atribulado percurso na demanda de novas paragens, como na *Eneida*: o fulcro da acção é a primeira desobediência dos primeiros seres humanos e a conseqüente perda do Paraíso, como se refere no primeiro dos *arguments* ou textos em prosa que acompanham, resumindo e apresentando, cada um dos Livros em que se divide o poema. Daí que o narrador explicitamente se demarque dos modelos do herói oferecidos pela tradição clássica para cantar a «superior fortaleza da paciência e do martírio heróico», afinal a concretização daquele ideal de herói cristão defendido já em 1641 no manifesto *The Reason of Church Government*.

A principal fonte literária é o texto bíblico, mais precisamente a Bíblia do rei Jaime ou Versão Autorizada, de 1611; e numa época de tensões exacerbadas e violentos conflitos o sentimento religioso correspondia a uma experiência intensa que favorecia o recurso ao texto sagrado como espaço de legitimação do pensamento e da acção.

Paradise Lost é, por consequência, um texto de forte intenção pedagógica, explicitamente assumida logo na primeira invocação do poema e no propósito de reclamar «a eterna providência e mostrar aos homens os caminhos de Deus», a que corresponderão as duas grandes áreas narrativas assim sugeridas: a revolta de Satã e a sua expulsão dos Céus, com a manifestação da invencível potência divina, e a desobediência das duas primeiras criaturas humanas, que não souberam colher as lições da subversão e derrota do anjo maldito e cederam às pulsões mais imediatas da sua natureza. E tanto a aventura de Satã como a história de Adão e Eva, o núcleo do poema, centro para onde convergem os diversos desenvolvimentos narrativos, não se oferecem na simples e longínqua evocação mítica: a perda do Éden associa-se insinuantemente ao quotidiano dos republicanos, que viram malograr-se a sua revolução e com ela a esperança numa redenção messiânica iminente. Adão e Eva, de mãos dadas e caminhar irresoluto, abandonam o Paraíso para inaugurarem a História, esse cortejo de injustiça e perigos de que o triunfante regime da Restauração é apenas um episódio.

Resulta claramente a descontinuidade entre o vitalismo optimista dos textos doutrinários e manifestos e as cadências magoadas de uma epopeia cujo título, na inversão da sintaxe esperada, parece destacar a ideia de perda: a composição de *Paradise Lost* estende-se por quase uma década e o poema espelha naturalmente as oscilações experimentadas pelo autor nas suas expectativas e convicções. O contexto do poema destaca, assim, uma voz isolada e corajosa, como a leitura da invocação do Livro VII, a mais pessoal das invocações do texto, identifica: nas trevas e na solidão de um tempo adverso, os versos buscam um destinatário ideal. Aos defensores do sonho republicano a que a Restauração pusera fim, adiando para termo incerto o governo dos justos e a segunda vinda do Salvador, restará o cultivo desse território íntimo e irreduzível de que fala a Adão o anjo Miguel quase no final do poema: «então não lamentarás deixar este Paraíso pois levarás dentro de ti um paraíso muito mais feliz». Mas esta ostensiva referência devocional e pedagógica não anula a abertura do texto a leituras por vezes desencontradas: a figura de Satã é animada de uma desconcertante e terrível grandeza no seu sofrimento e na sua inabalável pulsão destruidora, a beleza do Éden e o desalinho das tranças de Eva partilham da mesma espontaneidade e liberdade, a figura feminina une-se, pela imaginação e pelo inconformismo, ao anjo maldito, e as criaturas humanas adquirem maior densidade e complexidade precisamente quando

abertas à experiência que as perde. *Paradise Lost* marca a passagem entre duas épocas: é barroco pela grandiosidade do projecto que concretiza, pela energia do universo que representa, pelas tensões que encerra, pelas grandes massas ou figuras que desenha; será neoclássico nos sólidos equilíbrios que exhibe e na estrutura circular que a acção insinua, talvez ainda nesse *plain style* com que os dois últimos Livros, a narrativa enquadrada da história do futuro, reagem ao excesso e violência retóricos e aos gestos inflamados dos dois primeiros, os «Livros de Satã».

Se o Livro do Génesis e o Apocalipse constituíam lugares privilegiados na referência bíblica de *Paradise Lost*, e se o sentido da regeneração elegia no poema figuras exemplares, em *Paradise Regained*, epopeia em quatro Livros publicada em 1671, é o Evangelho segundo S. Lucas a principal fonte. No texto se dá expressão a uma experiência iniciática de busca de identidade que culmina na descoberta de uma missão providencial. É o próprio Cristo o protagonista, sujeito, como Adão e Eva, à tentação satânica, agora já não no espaço aprazível do Éden mas na desolação e nos perigos do deserto. O clímax do poema, momento epifânico em que Cristo, de braços abertos no pináculo do Templo - podemos imaginá-lo assim, pelo menos -, supera a última tentação e faz precipitar Satã no abismo, corresponde à iluminação da identidade divina simultaneamente prefigurando a Crucificação. Conjuntamente é publicada a tragédia *Samson Agonistes*, baseada na conhecida história colhida no Livro dos Juizes e modelada segundo a tradição clássica. O itinerário do herói é também o do autoconhecimento e o da descoberta de uma vocação providencial, resistindo, igualmente, a padrões temporais do heroísmo, num gesto que aproxima a ligação da figura bíblica a Israel da relação do poeta com a nação inglesa, oprimida pela tirania da Restauração. O tributo prestado aos trágicos gregos, que o prefácio exprime, concretiza o debate inconclusivo entre o Humanismo e a Reforma que atravessa a obra de Milton: o optimismo humanista numa razão que é instrumento de conhecimento e que no contexto histórico se actualiza e progride cruza-se com a fé que transcende a razão e alcança a verdade revelada para além da História. E o protagonista de *Samson Agonistes*, que derruba o templo pagão sepultando-se nos escombros e arrastando com ele os filisteus, se não corresponde inteiramente ao ideal de despojamento e entrega a uma missão que o transcende, é, pelo menos, o homem complexo e falível, precariamente colocado entre o Adão de *Paradise Lost* e o Cristo de *Paradise Regained*.

Para o bem e para o mal a ética puritana iria renascer do outro lado do mar, e em Inglaterra a sua sobrevivência e reafirmação iriam ser amplamente documentadas no *Christian* de John Bunyan, no *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, e na longa legião dos seus seguidores, aventureiros, colonizadores, empresários, escritores ou cientistas,

atentos aos sinais de Deus no mundo e ao sentido de uma vocação que para eles será também a marca do divino no humano.